



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

CURSO DE PSICOLOGIA

**INTERVENÇÕES COM CRIANÇAS NO ESPECTRO AUTISTA:
UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

SAMUEL LUCAS SANTOS RODRIGUES

JOÃO PESSOA

2026

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

R696ii Rodrigues, Samuel Lucas Santos.

Intervenções com crianças no espectro autista: uma
revisão integrativa / Samuel Lucas Santos Rodrigues. -
João Pessoa, 2026.
24 f. : il.

Orientadora: Miriane da Silva Santos Barboza.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas Letras e Artes,
2026.

1. Psicologia. 2. Autismo. 3. Intervenção precoce.
4. Análise do comportamento aplicada. I. Barboza,
Miriane da Silva Santos. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 159.9:616.896

SAMUEL LUCAS SANTOS RODRIGUES

**INTERVENÇÕES COM CRIANÇAS NO ESPECTRO AUTISTA:
UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado à Universidade Federal da
Paraíba, como parte dos requisitos para
obtenção do título de Bacharel em
Psicologia. Orientadora: Prof^ª Dra.
Miriane da Silva Santos Barboza.

JOÃO PESSOA

2026

SAMUEL LUCAS SANTOS RODRIGUES

Intervenções com Crianças no Espectro Autista:

Uma revisão integrativa

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado à Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Miriane da Silva Santos Barboza

Banca Examinadora

Profa. Dra. Miriane da Silva Santos Barboza (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa-PB

Profa. Dra. Melyssa Kellyane Cavalcanti Galdino (Examinador)
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa-PB

Prof. Dr. Henrique Jorge Simões Bezerra (Examinador)
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa-PB

João Pessoa, 06 de agosto de 2026

Agradecimentos

Meus verdadeiros agradecimentos...

À minha orientadora Miriane, que, em todas as orientações, junto à construção desse trabalho, se mostrou uma pessoa paciente, empática e encorajadora da minha capacidade, mesmo eu duvidando de mim mesmo.

Obrigado, professora.

Ao meu psicólogo Igor, que, apesar das minhas diversas situações de descrença de mim mesmo ao longo desses anos de acompanhamento, conseguia e ainda consegue ver o melhor que há em mim, mesmo com todas as falhas, limitações e receios que um ser humano é capaz de ter.

A você, Igor, minha gratidão.

À minha irmã Fernanda, que, mesmo quando eu desacreditei de um futuro melhor e menos pesaroso, segurou minhas mãos e foi as minhas pernas quando eu já não mais sabia caminhar. Te amo, mana.

“São os que sofrem que produzem a beleza, para parar de sofrer”.
Rubem Alves.

Resumo

O Transtorno do Espectro Autista exige intervenções precoces baseadas em evidências empíricas para promover o desenvolvimento global e a autonomia da criança. Este trabalho consiste em uma revisão integrativa da literatura que tem o objetivo de investigar as intervenções precoces direcionadas a crianças no espectro autista no contexto brasileiro, identificando o público-alvo, as áreas de desenvolvimento priorizadas e as técnicas empregadas. O procedimento metodológico engloba buscas sistemáticas nas bases de dados IndexPsi, LILACS, PePsic e SciELO, utilizando descritores específicos para compor o escopo do estudo. Os resultados indicam a consolidação da Análise do Comportamento Aplicada como a abordagem interventiva prevalente, acompanhada pelo Modelo Denver de Intervenção Precoce e pela Terapia Cognitivo-Comportamental. Observa-se que os atendimentos focam majoritariamente no público infantil e promovem a crescente capacitação de cuidadores, predominantemente mães, para a mediação terapêutica no ambiente domiciliar. Nota-se também a incorporação de recursos tecnológicos diversos para potencializar o ensino e o desenvolvimento das habilidades socioemocionais. Conclui-se que a literatura nacional ainda carece de estudos experimentais mais robustos, o que evidencia a urgência de políticas públicas que discutam e mitiguem a sobrecarga de gênero nos cuidados e suporte.

Palavras-chave: Autismo. Intervenção precoce. Análise do comportamento aplicada. Psicologia.

Abstract

Autism Spectrum Disorder requires early interventions based on empirical evidence to promote the child's global development and autonomy. This work consists of an integrative literature review that aims to investigate early interventions directed at children on the autism spectrum in the Brazilian context, identifying the target audience, prioritized development areas, and employed techniques. The methodological procedure encompasses systematic searches in the IndexPsi, LILACS, PePsic, and SciELO databases, using specific descriptors to compose the scope of the study. The results indicate the consolidation of Applied Behavior Analysis as the prevalent interventional approach, accompanied by the Early Start Denver Model and Cognitive Behavioral Therapy. It is observed that the interventions focus mostly on children and promote the increasing training of caregivers, predominantly mothers, for therapeutic mediation in the home environment. The incorporation of diverse technological resources to enhance teaching and the development of socio-emotional skills is also noted. It is concluded that the national literature still lacks more robust experimental studies and presents critical gaps regarding the support intended for autistic adolescents and adults, which highlights the urgency of public policies that discuss and mitigate the gender burden in care and support.

Keywords: Autism. Early intervention. Applied behavior analysis. Psychology.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) consiste em uma série de características relacionadas a um neurodesenvolvimento cognitivo divergente, tendo como referência classificatória e descritiva o Manual Diagnóstico de Doenças e Transtornos Mentais (DSM 5 - TR) (American Psychiatric Association, 2023). De acordo com esse referencial, o TEA é definido como um distúrbio do desenvolvimento neurológico que afeta as capacidades cognitivas em dois domínios particulares: interação e comunicação no âmbito social, com a presença de interesses restritos, comportamentos repetitivos e estereotipados com padrões de comportamento limitados.

Além disso, acerca das especificidades dos domínios afetados pelo transtorno, o comprometimento social caracteriza-se por déficits na interação, que incluem a dificuldade em fixar o olhar durante um diálogo, a ausência de expressões faciais e postura corporal, a falta de iniciativa para iniciar interações e a ausência de reciprocidade social ou emocional (Whitman, 2015).

Ademais, referente ao prejuízo social primário, surgem falhas precoces na reciprocidade e na sincronia interativa. Segundo Oliveira et al. (2020), há sérios comprometimentos na intersubjetividade e na atenção compartilhada, evidenciados pela dificuldade em usar gestos e contato visual para direcionar a atenção alheia. Essa falta de coordenação mútua entre a criança e seus interlocutores prejudica a participação em brincadeiras e a partilha de interesses, afetando os laços afetivos e a base do desenvolvimento comunicativo posterior.

Ademais, no que concerne aos déficits de linguagem e comunicação no autismo, tais agravantes constituem um dos principais fatores associados às dificuldades de comunicação social, por restringirem as interações do indivíduo com o ambiente. Somam-se a isso prejuízos na comunicação verbal e não verbal e dificuldades na compreensão dos estados mentais e emocionais de outras pessoas, aspectos que podem comprometer a aprendizagem e o desenvolvimento global. Nesse contexto, as intervenções precoces desempenham papel fundamental na redução desses prejuízos e na promoção do desenvolvimento infantil (Whitman, 2015).

Como resultado desses aspectos relacionados à comunicação, pode ocorrer um atraso no desenvolvimento integral da criança em relação à fala e à habilidade de pensamento comunicativo. Isso implica em dificuldades para formulação de pensamentos mais abstratos em contraposição aos concretos, levando a déficits nas brincadeiras que requerem interações sociais e a capacidade de criar cenários fictícios, como brincadeiras de “faz de conta”, nas quais o simbolismo se faz invariavelmente presente (Whitman 2015).

No âmbito do domínio comportamental, indivíduos autistas podem apresentar padrões de interesses restritos e comportamentos estereotipados, frequentemente caracterizados por intensidade e foco atípicos. Paralelamente, são observadas dificuldades na flexibilização e adequação do comportamento às diferentes demandas dos contextos sociais (Whitman, 2015).

Também em relação ao comprometimento comportamental, o quadro do autismo é delineado pela presença marcante de interesses fixos, restritos e intensos, associados a comportamentos de natureza repetitiva e estereotipada (Holanda Júnior & Maia, 2024). Essas manifestações comportamentais inflexíveis e o apego excessivo a rotinas muitas vezes concorrem com a aprendizagem e dificultam a adaptação do indivíduo às demandas diárias do ambiente (Gomes et al. 2019).

Desta maneira, a manutenção desses padrões restritos atua como uma barreira que limita a exploração funcional do mundo, reforçando a necessidade vital de intervenções que visem não apenas o ensino de novas habilidades, mas também a regulação e a diminuição desses excessos comportamentais que prejudicam o alcance da independência funcional (Mascotti et al., 2019).

Somando-se à descrição delineada, Holanda Júnior e Maia (2024) salientam que tal condição gera repercussões clinicamente expressivas no comportamento adaptativo do sujeito, com prejuízos na comunicação e na interatividade social mútua, manifestando-se ainda por meio de rotinas, interesses ou condutas restritas e iterativas.

Mascotti et al. (2019) salientam que limitações precoces nas habilidades comunicativas e sociais, em associação com condutas restritas, afetam negativamente o desenvolvimento global da criança. A ocorrência dessas manifestações nos primeiros anos de vida pode restringir a ampliação do repertório comportamental e obstruir a conquista de competências fundamentais para a autonomia, o que acentua a necessidade de intervenções sistemáticas direcionadas ao aprimoramento dos repertórios que se encontram em defasagem.

Associado a isso, desde o início do século XXI, o interesse pelo autismo expandiu-se diante da visibilidade midiática dada às vivências de mães e cuidadores. Esse cenário impulsionou investigações científicas sobre as características etiológicas e fenotípicas do transtorno, fornecendo importantes subsídios para o aprimoramento clínico. Como consequência, estruturaram-se programas de intervenção precoce voltados ao desenvolvimento global, adotando a Análise do Comportamento Aplicada (*Applied Behavior Analysis – ABA*) como um de seus principais referenciais teórico-metodológicos (Whitman, 2015).

Derivada dos princípios do condicionamento operante, a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) configura-se como um modelo teórico-metodológico destinado à análise das relações funcionais entre comportamento e ambiente, com vistas à aquisição, ao fortalecimento e à modificação de repertórios comportamentais por meio da organização sistemática das contingências ambientais (Camargo & Rispoli, 2013). No campo das intervenções precoces para crianças autistas, a ABA é amplamente reconhecida como uma das abordagens terapêuticas mais eficazes e cientificamente fundamentadas, em virtude do consistente conjunto de evidências empíricas produzido nas últimas décadas (Pereira Júnior et al., 2024).

Baseada em evidências empíricas, essa abordagem amplia repertórios comportamentais socialmente relevantes, promovendo habilidades sociais, acadêmicas e comunicativas, enquanto reduz comportamentos disruptivos como birras, autolesões e estereotípias. Como método estruturado e individualizado, a ABA constrói pré-requisitos fundamentais para a compreensão funcional do mundo, transformando o potencial de aprendizagem em independência efetiva (Locatelli & Santos, 2016).

A detecção precoce do TEA, associada a intervenções imediatas baseadas em evidências, é determinante para aproveitar as janelas de oportunidade do neurodesenvolvimento. Essa abordagem promove a consolidação de repertórios comportamentais essenciais, como autorregulação, contato visual e comunicação social, garantindo prognósticos significativamente mais favoráveis a longo prazo (Pereira Júnior et al. 2024).

Com o propósito de otimizar os benefícios desenvolvimentais propiciados pelo processo interventivo, a ABA ancora sua práxis em uma pluralidade de diretrizes estratégicas

e metodológicas. Tais procedimentos estruturam-se, fundamentalmente, sob os pilares conceituais do reforçamento positivo, do pareamento de estímulos e do modelamento por aproximações sucessivas, mecanismos basilares que norteiam de forma sistemática a aquisição, a consolidação e a ampliação de novos repertórios comportamentais (Pereira Júnior et al. 2024).

A investigação das evidências científicas disponíveis constitui um pressuposto essencial para a compreensão dos instrumentos de rastreio, diagnóstico e intervenções direcionadas a crianças no espectro autista, tanto na Psicologia Clínica quanto na Análise do Comportamento Aplicada. Assim, a incorporação de modelos terapêuticos fundamentados em evidências torna-se imprescindível para assegurar um atendimento ético e de alta qualidade, impulsionando a evolução de competências adaptativas, sociais, comportamentais e de comunicação (Pereira Júnior et al. 2024).

Paralelamente, na seara das intervenções direcionadas a crianças autistas, estas devem ser desenvolvidas, fundamentalmente, nos anos iniciais da infância, visando otimizar o aproveitamento do período de máxima plasticidade cerebral (Seize & Borsa, 2017). Essas intervenções estruturadas e intensivas buscam aprimorar habilidades sociais e comunicativas, regular comportamentos disruptivos prejudiciais ao aprendizado e auxiliar as famílias no manejo dos desafios diários (Gomes et al. 2019). Apesar do modelo de intervenção, seu objetivo é promover a independência e garantir melhorias a longo prazo na qualidade de vida de crianças autistas e suas famílias (Holanda Júnior & Maia, 2024).

O Modelo Denver de Intervenção Precoce (ESDM) combina princípios da psicologia do desenvolvimento e da Análise do Comportamento Aplicada em uma abordagem naturalista. Aplicado precocemente de forma intensiva, diária e lúdica, visa reduzir a severidade dos sintomas do autismo e impulsionar o desenvolvimento cognitivo, social e de linguagem de crianças pequenas (Holanda Júnior & Maia, 2024). O modelo também exige a participação ativa da família, capacitada para generalizar as competências no cotidiano infantil.

O Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (PECS) é uma modalidade de comunicação aumentativa e alternativa voltada para crianças com dificuldades verbais, possuindo raízes comportamentais (Holanda Júnior & Maia, 2024). Essa intervenção ocorre de forma sistemática e contínua, estruturando-se em fases que iniciam no ensino da troca física

de uma figura, avançando para o desenvolvimento da espontaneidade e, por fim, para a discriminação entre diversos estímulos visuais (Mascotti et al. 2019). O propósito central do PECS é ensinar o indivíduo a trocar ativamente estímulos visuais por objetos ou atividades de seu interesse, promovendo um ganho significativo na comunicação funcional e no ensino da habilidade de requisitar, conhecida como mandos (Holanda Júnior & Maia, 2024; Mascotti *et al.*, 2019).

A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) é uma intervenção clínica que tem se mostrado capaz de produzir efeitos significativos de tratamento para crianças mais velhas, adolescentes e adultos no espectro do autismo. Esta modalidade terapêutica tem o objetivo específico de tratar e minimizar comorbidades psicopatológicas frequentemente associadas ao TEA, com destaque principal para os transtornos de ansiedade e quadros de humor deprimido. Além disso, a TCC em indivíduos com autismo foca na reestruturação cognitiva e no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento adaptativas, auxiliando na regulação emocional e social para lidar com as demandas diárias do ambiente de forma mais independente e funcional.

Embora o interesse científico pelo Autismo e pelos benefícios das intervenções precoces tenha crescido desde o início do século XXI (Whitman, 2015), observa-se que a produção científica sobre práticas interventivas ainda é incipiente. Nesse contexto, este estudo busca identificar e analisar essas práticas, contribuindo para a sistematização do conhecimento e para a construção de uma base teórico-metodológica que subsidie futuras pesquisas sobre intervenções precoces em crianças com TEA no contexto brasileiro.

Em face do exposto, o presente estudo teve por objetivo geral realizar uma revisão integrativa acerca das intervenções precoces direcionadas a crianças com TEA, admitindo-se que tais intervenções iniciam-se já no momento da triagem e do diagnóstico e se intensificam nas práticas dos profissionais. Enquanto objetivos específicos, o estudo propôs-se a: 1) identificar o público que, direta ou indiretamente, participou dessas intervenções, 2) as áreas do desenvolvimento cujas intervenções tiveram o intuito de gerar benefícios e 3) os recursos e técnicas utilizadas nas intervenções voltadas para as crianças autistas.

Embora revisões anteriores na literatura nacional já tenham investigado o cenário do Transtorno do Espectro Autista, estas tendem a se concentrar em escopos mais segmentados, como o levantamento focado em instrumentos de rastreamento diagnóstico ou a análise restrita

à escassez de delineamentos experimentais. A real lacuna que justifica a realização do presente estudo reside na ausência de uma sistematização recente e multidimensional das práticas interventivas voltadas exclusivamente ao público infantil no Brasil.

Ademais, o diferencial desta revisão integrativa, portanto, consiste em ir além do levantamento de eficácia clínica das abordagens terapêuticas, propondo-se a articular, de forma integrada, o atual panorama das práticas profissionais, a incorporação de novos recursos tecnológicos e a dimensão do cuidado familiar. Dessa forma, este trabalho oferece um panorama integrativo e atualizado (2016-2026) que conecta as evidências científicas às reais demandas e configurações assistenciais do contexto brasileiro.

METODOLOGIA

A presente pesquisa constitui-se como uma revisão integrativa da literatura voltada para a

triagem diagnóstica, o cenário das práticas profissionais e as estratégias de intervenção implementadas no autismo. Conforme proposto por Ferreira (2002), este modelo investigativo baseia-se em um levantamento metodológico de fontes estritamente bibliográficas sobre um tema delimitado. Com esta metodologia de pesquisa, busca-se identificar e sistematizar convergências práticas e teóricas, possibilitando uma análise crítica das bases que fundamentam a produção científica, bem como no contexto brasileiro.

A constituição do *corpus* amostral fundamentou-se na busca sistemática de estudos indexados nas bases de dados IndexPsi, LILACS, PePsic e SciELO. Para a identificação das publicações, foram empregados, de forma combinada, os descritores “psicologia”, “intervenção” e “autismo”, articulados por meio do operador booleano AND, originando a estratégia de busca "psicologia AND intervenção AND autismo". Como critérios de inclusão, foram considerados os seguintes aspectos: 1) trabalhos científicos redigidos em português; 2) manuscritos publicados no intervalo dos últimos dez anos (2016 a 2026); 3) textos publicados exclusivamente em revistas científicas da área da Psicologia, tendo correspondido o período de busca nas bases de janeiro de 2026 a maio de 2026.

A triagem inicial consistiu na análise de títulos e resumos de 72 artigos. Após essa primeira análise, procedeu-se à exclusão de produções repetidas encontradas ou cujo texto integral não estivesse disponível nas bases de dados consultadas. Após a conclusão dessa segunda etapa, 11 estudos científicos integraram o *corpus* final. Com o intuito de organizar a análise de dados, o material foi distribuído conforme três eixos temáticos fundamentais, sendo: 1) Triagem e Diagnóstico Precoce do Autismo; 2) Estruturas de Atendimento e Prática Profissional no TEA; e 3) Estratégias de Intervenção baseadas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA), os quais serão apresentados e discutidos a seguir.

Apesar do rigor metodológico empregado na seleção do *corpus*, faz-se necessário assumir formalmente uma limitação inerente a esta revisão integrativa. A opção por estabelecer como critério de inclusão exclusivamente artigos publicados em língua portuguesa restringe o escopo da análise, visto que exclui o expressivo volume da literatura internacional produzida sobre o tema. Contudo, ressalta-se que essa delimitação foi adotada de maneira intencional para viabilizar um mapeamento estritamente focado nas práticas interventivas, na produção científica e nas demandas assistenciais que refletem a realidade específica do contexto brasileiro

RESULTADOS

No âmbito do rastreamento precoce do autismo, o estudo de Seize e Borsa (2017) mapeou 11 instrumentos internacionais direcionados à triagem de bebês e crianças de até 3 anos de idade. Os dados apontaram que a maior parte desses inventários foi produzida nos Estados Unidos, evidenciando o *Modified Checklist for Autism in Toddlers* (M-CHAT) como o teste com melhor aceitação prática no Nível 1 (voltado para a população em geral) e o ADEC para o Nível 2 (direcionado a subgrupos com sinais de risco de autismo). Verificou-se, no entanto, que somente um desses protocolos (o M-CHAT) contava com processo de tradução e validação cultural para a língua portuguesa no contexto brasileiro.

No tocante ao panorama atual dos serviços prestados, o rastreamento nacional de autoria de Holanda Júnior e Maia (2024) indicou que os usuários prevalentes nos consultórios são do segmento infantil (97,1%) e que os psicólogos vêm assimilando amplamente no seu cotidiano prático os modelos respaldados por evidências empíricas.

O modelo da Análise do Comportamento Aplicada destaca-se como o método mais empregado nas intervenções no contexto do TEA (81,7%), sendo acompanhado pelo Modelo Denver de Intervenção Precoce (ESDM) (28,8%) e, finalmente, pela Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) (23%).

Ademais, no estudo de revisão sistemática de Mascotti et al. (2019), as conclusões mostraram que há escassez de literatura experimental brasileira, com apenas quatro trabalhos que tratam de programas de intervenção executados exclusivamente com os próprios indivíduos com autismo (sendo todos os participantes do gênero masculino), e o conjunto desses estudos concentrou seus esforços no treino de habilidades verbais, recorrendo predominantemente aos fundamentos da ABA e ao protocolo PECS.

No que concerne aos modelos de intervenção que incluem o núcleo familiar, o estudo de Oliveira et al. (2020) mensurou o impacto de um programa de intervenção voltado especificamente para a relação da mãe com a criança. Os dados revelaram um ganho expressivo nos componentes sociocomunicativos tanto do filho (referente à atenção compartilhada) quanto da mãe (na capacidade de compartilhar tópicos) no decorrer do processo interventivo das sessões. Concomitantemente, o escore total na escala de empoderamento da família (*Family Empowerment Scale*) avançou de uma linha de base de 30 pontos para um patamar de 54 pontos na etapa de pós-teste.

No horizonte da clínica psicanalítica, intervenções terapêuticas que lançaram mão de ferramentas tecnológicas apresentaram resultados voltados para a quebra do fechamento autístico. Alves et al. (2021) sinalizaram que a integração de uma câmera gravadora no *setting* despertou a atenção das crianças, quebrando a indiferença inicial; em um dos casos, a câmera serviu para intermediar interações e mediar as alternâncias entre presença e ausência (o jogo *fort-da*), ao passo que, na outra experiência clínica, auxiliou no resgate e projeção de recordações (reorganização pelo viés da tradução significativa).

Corroborando essa perspectiva psicanalítica, os resultados de Badaró e Calzavara (2021) demonstraram que a inserção de robôs com recursos sonoros onomatopeicos e iluminação por LEDs contribuiu significativamente para o fortalecimento da aproximação afetiva das crianças no ambiente terapêutico. Essas ferramentas atuaram como um ponto central de grande interesse, estimulando o desenvolvimento de relações interpessoais que os próprios sujeitos passaram a buscar de forma voluntária.

Ao abordar intervenções fundamentadas na Análise do Comportamento Aplicada, Ferreira, et al. (2016) evidenciaram que, com a utilização de um pacote de treinamento, baseado no *Behavioral Skills Training* (BST), composto por instruções, práticas simuladas (*role-play*) e *video-feedback*, 100% dos cinco cuidadores vinculados ao Sistema Único de Saúde (SUS) conseguiram alcançar um desempenho preciso (acima de 90%) na aplicação de programas de ensino por tentativas discretas com um confederado.

Em uma pesquisa com foco na intervenção aplicada por não especialistas, Gomes et al. (2019) evidenciaram que 22 crianças que receberam Intervenção Comportamental Intensiva (ICI) implementada por pais, babás e estagiários alcançaram melhorias significativas em seu desenvolvimento global. As avaliações realizadas por meio de instrumentos como o PEP-R e o IPO indicaram resultados consideravelmente mais favoráveis quando comparados aos do grupo controle, que não teve acesso à modalidade intensiva de intervenção.

Outro estudo focado nos resultados da ABA em longo prazo foi realizado por Farias e Elias (2020) com três irmãos trigêmeos diagnosticados no espectro autista. Após 12 meses de ensino de múltiplos operantes verbais, os resultados indicaram que os três progrediram, porém de forma bastante assimétrica: os dois irmãos não verbais, no início do estudo, apresentaram ganhos nas imitações, mas permaneceram no Nível 1 do instrumento VB-MAPP, enquanto a terceira criança,

que já apresentava fala funcional no início da intervenção, teve curvas de aprendizado altamente aceleradas, dominando intraverbais e ascendendo ao Nível 3 do instrumento.

No campo das intervenções remotas fundamentadas na Análise do Comportamento Aplicada, o emprego de recursos tecnológicos tem demonstrado resultados promissores. Ao investigarem a eficácia de ferramentas tecnológicas, Araújo et al. (2024) observaram que o uso de um Sistema de Ensino Baseado em Inteligência Artificial (SEIA) no contexto doméstico proporcionou um incremento relevante no desempenho de crianças e jovens com TEA, bem como Síndrome de Down (SD). Os participantes demonstraram maior precisão em tarefas de identificação, imitação e nomeação de expressões faciais, abrangendo tanto emoções de valência positiva, alegria e surpresa, quanto negativa, como raiva e tristeza.

Por fim, ao investigarem programas de capacitação remota destinados a profissionais da educação especial por meio de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), Benitez et al. (2023) constataram uma forte correlação estatística entre a postura social favorável à inclusão, avaliada por meio da Escala Likert de Atitudes Sociais em Relação à Inclusão (ELASI), e o grau de envolvimento nas atividades, além de um aumento nas taxas de finalização do curso pelos cursistas.

Com base no levantamento bibliográfico de 11 artigos científicos selecionados para este estudo, a Figura 1 (Caracterização metodológica e temática dos estudos analisados) ilustra de forma estruturada a caracterização metodológica e a distribuição temática dessas produções na área do TEA: o rastreamento e diagnóstico precoce, os múltiplos cenários das práticas profissionais e as estratégias interventivas embasadas nos princípios da Análise do Comportamento Aplicada.

Figura 1:

Caracterização metodológica e temática dos estudos analisados.

CATEGORIA 1: Rastreamento e Diagnóstico Precoce do Autismo

Seize & Borsa (2017): Revisão sistemática sobre instrumentos de rastreamento de sinais precoces em crianças até 36 meses.

CATEGORIA 2: Modalidades de Intervenção e Práticas Profissionais no TEA

Perfil da Prática e Revisões de Literatura

Holanda Júnior & Maia (2024);
Mascotti et al. (2019).

Perspectivas Diversas de Atendimento

Alves, Lucero & Silva (2021);
Furtado & Calzavara (2021);
Oliveira, Schmidt & Pendeza (2020).

CATEGORIA 3: Intervenção Baseada na Análise do Comportamento Aplicada (ABA) Eficácia e Treinamento de Cuidadores

Já a Tabela 1 sintetiza os tipos de delineamentos, público-alvo, procedimentos e instrumentos, técnicas ou recursos e áreas do desenvolvimento objetos das intervenções realizadas nos estudos analisados. Este mapeamento permite uma compreensão aprofundada de como as pesquisas brasileiras se estruturam metodologicamente e quais aspectos do desenvolvimento infantil têm recebido maior atenção terapêutica nas últimas décadas.

Tabela 1:

Síntese metodológica e temática dos estudos analisados.

Tipo de estudo (delineamento)	
Exploratório / descritivo	<ul style="list-style-type: none"> • Alves, Lucero & Silva (2021).
Estudo Dirigido	<ul style="list-style-type: none"> • Benitez et al. (2023)
Revisão Sistemática	<ul style="list-style-type: none"> • Seize & Borsa (2017); • Mascotti et al. (2019)
Transversal	<ul style="list-style-type: none"> • Holanda Júnior & Maia (2024).
Experimental	<ul style="list-style-type: none"> • Ferreira, Melo e Silva & Barros (2016); • Gomes et al. (2019); • Farias & Elias (2020); • Oliveira, Schmidt & Pendeza (2020); • Furtado & Calzavara (2021); • Araújo et al. (2024).
Participantes	
Crianças	<ul style="list-style-type: none"> • Gomes et al. (2019); • Farias e Elias (2020) ; • Alves, Lucero e Silva (2021) • Furtado e Calzavara (2021); • Araújo et al. (2024).
Cuidadores	<ul style="list-style-type: none"> • Ferreira et al. (2016); • Benitez et al. (2023).
Profissionais	<ul style="list-style-type: none"> • Benitez et al. (2023); • Holanda Júnior e Maia (2024).
Mães	<ul style="list-style-type: none"> • Oliveira et al. (2020).
Estudo teórico	<ul style="list-style-type: none"> • Seize e Borsa (2017); • Mascotti et al. (2019).
Recursos/Instrumentos	

Bibliográficos	<ul style="list-style-type: none"> ● Seize e Borsa (2017); ● Mascotti et al. (2019).
Escalas / Testes	<ul style="list-style-type: none"> ● Mascotti et al. (2019); ● Gomes et al. (2019); ● Farias e Elias (2020); ● Oliveira et al. (2020); ● Benitez et al. (2023).
Dados da pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> ● Alves et al. (2021); ● Holanda Júnior e Maia (2024).
Instrumentos tecnológicos	<ul style="list-style-type: none"> ● Ferreira et al. (2016); ● Furtado e Calzavara (2021); ● Araújo et al. (2024).
Áreas do Desenvolvimento Priorizadas	
Linguagem	<ul style="list-style-type: none"> ● Farias e Elias (2020); ● Oliveira et al. (2020).
Emoção	<ul style="list-style-type: none"> ● Araújo et al. (2024).
Comportamento e Habilidades	<ul style="list-style-type: none"> ● Ferreira et al. (2016); ● Gomes et al. (2019); ● Alves et. al.(2021); ● Furtado e Calzavara (2021); ● Benitez et al. (2023)
Rastreio e Diagnóstico do Autismo	<ul style="list-style-type: none"> ● Ferreira et al. (2016); ● Seize e Borsa (2017); ● Mascotti et al. (2019).
Outros	<ul style="list-style-type: none"> ● Holanda Júnior e Maia (2024).

DISCUSSÃO

A análise conjunta dos artigos selecionados neste estudo evidencia que a produção científica no campo da psicologia brasileira quanto à intervenção no Transtorno do Espectro Autista ainda é incipiente. Essa escassez é notável tanto na adaptação e validação de instrumentos de rastreamento precoce para a nossa realidade (Seize & Borsa, 2017) quanto no baixo número de estudos experimentais controlados que abordam diretamente o ensino de novos repertórios para essa população (Mascotti et al. 2019).

As evidências analisadas apontam para a concentração das práticas terapêuticas no público infantil. No cenário nacional, 97,1% dos atendimentos psicológicos têm crianças como público principal (Holanda Júnior & Maia, 2024), enquanto estudos experimentais brasileiros direcionam predominantemente as intervenções analítico-comportamentais à primeira e à segunda infância (Mascotti et al. 2019).

Embora haja restrição de faixa etária na assistência, estudos reforçam a importância crucial do rastreamento e da intervenção precoce. O diagnóstico nos primeiros anos de vida permite aplicar intervenções intensivas no período de maior plasticidade cerebral, otimizando o ganho cognitivo, reduzindo a gravidade dos sintomas e evitando efeitos secundários (Gomes et al. 2019). Essas práticas comportamentais na primeira infância promovem avanços expressivos em habilidades sociais, de imitação e de linguagem (Farias & Elias, 2020).

No que tange aos tipos de suporte familiar e de mediação no tratamento, a literatura resgata a urgência de tirar as famílias de um papel passivo para transformá-las em agentes ativos da intervenção. Devido à baixa disponibilidade de serviços públicos especializados e ao alto custo

dos tratamentos, programas de capacitação instruem os cuidadores a aplicar tentativas discretas (Ferreira et al. 2016), interações naturalistas e treinos mediados por tecnologias em ambiente domiciliar (Araújo et al. 2024). O uso dessa Abordagem Centrada na Família atua não apenas no ganho de habilidades das crianças, mas impulsiona diretamente o empoderamento parental, permitindo que os pais assumam autonomia e segurança no manejo diário de seus filhos (Oliveira et al., 2020).

Entretanto, as dinâmicas apontadas nesses mesmos estudos de implementação familiar reforçam um aspecto estrutural de gênero: a responsabilidade primária dos cuidados continua recaindo fortemente sobre as mulheres. A maior parte dos aplicadores primários, cuidadores capacitados em casa e mediadores dos estudos são as mães das crianças, ou, estendendo-se à rede de apoio terceirizada, babás (Araújo et al. 2024; Gomes et al., 2019; Oliveira et al., 2020). Esse cenário se reflete até mesmo no âmbito profissional formal, em que quase 86% dos psicólogos que atuam na intervenção do autismo em contexto brasileiro pertencem ao sexo feminino (Holanda Júnior & Maia, 2024).

Além disso, as evidências reforçam a importância da formação técnico-científica e da qualificação continuada dos profissionais que atuam com indivíduos no espectro do TEA. Conforme relatado pelos participantes, persistem desafios significativos relacionados à insuficiência de profissionais qualificados para a atuação em equipes multiprofissionais, aos elevados custos da formação especializada e às limitações impostas pela sobrecarga de trabalho no contexto assistencial (Holanda Junior & Maia, 2024).

Para potencializar e sustentar os benefícios das intervenções precoces, a literatura enfatiza a importância da parceria entre família e escola, bem como da formação continuada dos educadores. Nesse contexto, o psicólogo escolar exerce papel fundamental ao mediar essa relação, oferecendo orientação às famílias e suporte técnico aos docentes da Educação Infantil. Ademais, a formação continuada favorece a compreensão das especificidades do desenvolvimento de crianças, subsidiando a elaboração de estratégias pedagógicas inclusivas e condizentes com suas necessidades (Couto, 2022).

Em suma, a literatura científica demonstra que democratizar práticas inclusivas e intervenções baseadas em evidências exige o fortalecimento da formação profissional por meio de capacitações e ambientes virtuais. Essas ações desenvolvem atitudes inclusivas e competências técnico-científicas, especialmente nos princípios da Análise do Comportamento Aplicada (Benitez

et al. 2023). Ademais, evidências indicam que intervenções aplicadas por pais, tutores ou cuidadores geram resultados mais consistentes se realizadas sob supervisão contínua de profissionais especializados (Ferreira et al., 2016; Gomes et al. 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como propósito realizar uma revisão integrativa da literatura sobre intervenções precoces voltadas a crianças com Transtorno do Espectro Autista, objetivando caracterizar o panorama da produção científica brasileira publicada entre 2016 e 2026. A síntese das evidências demonstrou que, embora tenha ocorrido uma ampliação do interesse científico pela temática ao longo das últimas décadas, a produção nacional ainda se mostra incipiente, sobretudo quanto à disponibilidade de estudos experimentais controlados, evidenciando a necessidade de maior investimento em pesquisas com elevado rigor metodológico.

Os achados desta revisão evidenciam a consolidação da Análise do Comportamento Aplicada como o principal referencial teórico-metodológico das intervenções precoces direcionadas a crianças autistas. Simultaneamente, verificou-se um processo de diversificação das estratégias interventivas, marcado pela crescente inserção da família como agente ativo na implementação das intervenções. Nesse contexto, a capacitação de cuidadores — predominantemente mães — demonstrou favorecer não apenas o desenvolvimento de habilidades nas crianças, mas também o fortalecimento das competências parentais e da autonomia dos cuidadores frente às demandas inerentes ao cuidado e ao desenvolvimento infantil.

Ademais, as evidências apontam que a utilização de recursos tecnológicos, como robótica, *videofeedback* e sistemas de inteligência artificial, tem ampliado as possibilidades de intervenção no Transtorno do Espectro Autista, favorecendo as interações sociais e apoiando a prática clínica e domiciliar. Esses achados refletem a crescente adoção de intervenções que associam estratégias estruturadas e naturalísticas, visando ao desenvolvimento infantil, à redução de comportamentos

interferentes e à melhoria da qualidade de vida da criança e de sua família.

Embora esta revisão tenha evidenciado avanços na produção científica sobre intervenções precoces no TEA, também identificou lacunas significativas. A literatura nacional permanece concentrada na primeira e na segunda infância, sendo reduzido o número de estudos voltados a adolescentes, jovens e adultos autistas. Somado a isso, a predominância feminina nas atividades de cuidado, nos âmbitos familiar e profissional, aponta para a necessidade de ampliar as discussões sobre gênero na formulação de políticas públicas assistenciais e suporte às pessoas com TEA.

Desta forma, os resultados desta revisão integrativa evidenciam que a consolidação de práticas fundamentadas em evidências depende tanto da qualificação técnico-científica dos profissionais quanto da ampliação do acesso às intervenções. Nesse contexto, diante da ainda incipiente produção científica nacional, este estudo assume relevância ao sistematizar uma base teórico-metodológica atualizada sobre o cenário clínico brasileiro, contribuindo para o fortalecimento de intervenções baseadas em evidências e para uma atuação profissional ética e qualificada.

Em síntese, este estudo fornece importantes subsídios para futuras investigações, recomendando o desenvolvimento e o aprofundamento de pesquisas experimentais metodologicamente robustas focadas nos impactos longitudinais das intervenções precoces na infância. Ademais, ressalta-se a necessidade imperativa de fomentar debates em torno de estratégias e políticas públicas voltadas à redução da expressiva sobrecarga — marcadamente de gênero — que recai sobre as cuidadoras. O fortalecimento dessa corresponsabilidade social e estatal pelo suporte familiar mostra-se fundamental para a construção de uma rede de acolhimento mais equitativa, favorecendo não apenas o contínuo aprimoramento das abordagens terapêuticas direcionadas ao neurodesenvolvimento infantil, mas também a consolidação de políticas assistenciais que garantam qualidade de vida e autonomia tanto para as crianças quanto para suas famílias

REFERÊNCIAS

Alves, K. C., Lucero, A., & Silva, K. C. B. da. (2021). O que pode uma câmera em sessões psicanalíticas com crianças com traços autistas? *Estilos da Clínica*, 26(3).

American Psychiatric Association. (2023). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR* (5.^a ed. rev.). Artmed.

Araújo, P. P., Benitez, P., Souza, C. B. A., Domeniconi, C., Freitas, M. C., Trevisan, D., & Góis, J. P. (2024). Avaliação e ensino de emoções com crianças e jovens adultos com autismo ou Síndrome de Down mediados pela família. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 44(e258093), 1-17.

Benitez, P., Domeniconi, C., Arruda, H. C., Freitas, M. C., Afonso, T., Souza, L. V., Araujo, F. A. B., & Cunha, F. F. (2023). Formação em Análise do Comportamento no contexto da Educação Especial: variáveis pessoais e atitudinais relacionadas à inclusão. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 43(e264477), 1-19.

Camargo, S. P. H., & Rispoli, M. (2013). Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. *Revista Educação Especial*, 26(47), 639-650.

Couto, C. A. F. C. (2022). *Psicologia escolar e inclusão de crianças com TEA na Educação Infantil* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de Uberlândia].

Farias, S. P. M., & Elias, N. C. (2020). Marcos do comportamento verbal e intervenção comportamental intensiva em trigêmeos com autismo. *Psicologia Escolar e Educacional*, 24(e215946).

Ferreira, L. A., Melo e Silva, Á. J., & Barros, R. S. (2016). Ensino de aplicação de tentativas discretas a cuidadores de crianças diagnosticadas com autismo. *Revista Perspectivas em Análise do Comportamento*, 7(1), 101-113.

Ferreira, N. S. A. (2002). As pesquisas denominadas “estado da arte”. *Educação & Sociedade*, 23(79), 257-272.

Furtado Badaró, S. A., & Calzavara, M. G. P. (2021). O uso de robôs como mediadores na prática clínica psicanalítica com crianças autistas. *Estilos da Clínica*, 26(3), 566-583.

Gomes, C. G. S., Souza, D. G. de, Silveira, A. D., Rates, A. C., Paiva, G. C. de C., & Castro, N. P. de. (2019). Efeitos de Intervenção Comportamental Intensiva realizada por meio da capacitação de cuidadores de crianças com autismo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35(e35).

Holanda, F. W. N., Jr., & Maia, S. N. dos S. (2024). Prática profissional de psicólogos que atuam com intervenção para o transtorno do espectro autista. *Interação em Psicologia*, 28(2), 115-125.

Locatelli, P. B., & Santos, M. F. R. (2016). Autismo: propostas de intervenção. *Revista Transformar*, 8(1), 1-13.

Mascotti, T. D. S., Barbosa, M. de L., Mozela, L. de O., & Campos, É. B. V. (2019). Estudos brasileiros em intervenção com indivíduos com Transtorno do Espectro Autista: revisão sistemática. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 12(1), 107-124.

Oliveira, J. J. M. de, Schmidt, C., & Pendeza, D. P. (2020). Intervenção implementada pelos pais e empoderamento parental no transtorno do espectro autista. *Psicologia Escolar e Educacional*, 24(e218432).

Pereira, M., Jr., Oliveira, U., & Silveira, G. (2023). Metodologia ABA na intervenção das interações sociais de crianças com autismo na segunda infância. *Repositório Institucional (REAL)*, 2(1).

Seize, M. M., & Borsa, J. C. (2017). Instrumentos para rastreamento de sinais precoces do autismo: revisão sistemática. *Psico-USF*, 22(1), 161-176.

Whitman, T. L. (2015). *O desenvolvimento do autismo: social, cognitivo, linguístico, sensório-motor e perspectivas biológicas* (D. Batista, Trad.). M.Books.